ISSN: 2594-6153

Doenças Emergentes e Desafios para o Direito à Saúde

Amélia Cohn, Marchione dos Reis Ferreira

Universidade Santa Cecília (UNISANTA), Santos-SP, Brasil

Email: cohn.amel@gmail.com

Resumo: As doenças emergentes e as doenças negligenciadas constituem um fenômeno cada vez mais frequente nas sociedades contemporâneas. Países que apresentam um conceito de trabalho com excessivas horas de jornada têm se destacado com a presença de doenças da mente. Doenças estas, que estão ligadas diretamente, também, ao aumento do consumo das redes sociais, pois a busca da vida perfeita faz com que alguns indivíduos se questionem sobre a falta de felicidade em suas próprias vidas. A Organização Mundial da Saúde já reconhece as doenças da mente, como a depressão, entre as principais patologias no mundo e que o aumento dos casos está intimamente ligado a fatores sociais, financeiros e até mesmo genéticos. O estudo é feito de forma literária visando explorar e informar sobre as doenças chamadas emergentes e os desafios do Direito à Saúde em prol da população.

Palavras-chaves: doenças emergentes; doenças negligenciadas; depressão; direito à saúde.

Emerging Illnesses and challenges to Health Law

Abstract: The emerging and neglected diseases are a phenomena increasingly frequent in contemporary societies. Countries that introduce labor concepts with exceeding hour journeys have been highlighted with the presence of mental illness. Diseases that are directly connected to the increased usage of social media as well, because the search for the perfect life makes some individuals wonder about the lack of happiness in their lives. The World Health Organization already recognizes the mental illnesses, such as depression, between the main pathologies of the world and the increasingly number of cases is closely linked to social, financial and even genetic factors. This work is made by the literary way, seeking to explore and inform about the illnesses so called emerging and the challenges of Health law on behalf of the population.

Key-words: emerging illnesses; neglected illnesses; depression; Health Law.

Introdução

No Brasil estamos vivenciando tempos difíceis no que tange as dificuldades de acesso da população ao mercado de trabalho. Números cada vez maiores de nível de desemprego contribuem para uma população cada vez mais necessitada, triste e flagelada. Em outra vertente, pessoas financeiramente afortunadas também apresentam sintomas depressivos passíveis até mesmo de suicídio, o que demonstra que não apenas a falta de dinheiro pode ser a causa de doenças emergentes.

ISSN: 2594-6153

Países como Japão e Dinamarca exemplificam de maneira totalmente oposta esse fenômeno contemporâneo, no caso do Japão vinculado ao excesso de trabalho, a *karoshi*, e no caso da Dinamarca à preocupação com o bem estar humano.

Nesse estudo, são apresentados modelos de vida de três países; Brasil, Japão e Dinamarca, a influência das redes sociais no bem estar social dos indivíduos, e como o Estado, através do Direito à Saúde, pode ajudar a combater esse emergente desafio.

Objetivos

Esse estudo tem por objetivo demonstrar que muitas doenças emergentes têm surgido pela falta de qualidade de vida das pessoas em seu ambiente de trabalho, a distância do indivíduo da natureza e o papel negativo das redes sociais na vida das pessoas.

Material e Métodos

A pesquisa foi elaborada de forma descritiva e bibliográfica com coleta de informações em artigos e reportagens. A normativa selecionada para construção de uma narrativa adequada à temática sobre doenças emergentes veio do site do Ministério da Saúde.

Resultados e discussão

Para a Comissão Nacional sobre os determinantes Sociais da Saúde (CNDSS)[1], os Determinantes Sociais da Saúde são os fatores de cunho social, econômico, cultural, étnico racial, psicológico e comportamental que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco a população.

A Depressão[2] [2] é um transtorno mental frequente, resultado de uma complexa interação de fatores sociais, psicológicos e biológicos. Pessoas que passaram por traumas, luto na família ou desemprego são mais propensas ao desenvolvimento da doença. A Depressão pode, por sua vez, levar a mais estresse e disfunção e piorar a situação de vida da pessoa afetada e o transtorno em si.

[2] A Depressão é um problema médico grave e altamente prevalente na população em geral. De acordo com o estudo epidemiológico a prevalência de depressão ao longo da vida no Brasil está em torno de 15,5%. Segundo a [3] OMS, a prevalência de depressão na rede de atenção primária de saúde é de 10,4%, isoladamente ou associada a um transtorno físico.

O Brasil é campeão nos casos de Depressão em toda a América Latina, com cerca de 6% da população sofrendo dessa patologia, segundo dados da Organização Mundial de Saúde [3]. Esse percentual representa um total de 11,5 milhões de pessoas.

Na atualidade, com as novas formas de organização e de controle do trabalho, em que prevalecem cobranças pessoais, fixação de metas inalcançáveis a serem atingidas e projetos futuros truncados, têm assegurado que patologias, como depressão e stress, sejam cada vez mais presentes na vida social. A pressão do tempo torna-se outra característica das relações sociais atuais.

Por outro lado, a "cultura da felicidade", que se acredita possa ser desencadeada pelo constante uso de redes sociais, tem provocado uma cobrança ainda maior aos que possuem propensão a essas doenças.

Especialistas indicam que o agravamento dessas patologias pode estar diretamente ligado ao uso contínuo e inadequado das redes sociais onde se tem a presença constante de imagens, vídeos, instantes de aparente felicidade, que ludibriam e condicionam uma auto cobrança constante. Cria-se com isso a "obrigação de ser feliz".

Embora não haja evidências de que um estado de felicidade possa ser um preceito da não existência da depressão, as condições concretas de vida das pessoas no país não favorecem o combate à depressão. Verifica-se um índice de desemprego altíssimo, famílias em estado de miserabilidade num ambiente de estagnação econômica, em que a incerteza do presente e do futuro, associada à falta de perspectiva social e econômica, torna muito difícil que alguém possa se declarar abertamente feliz.

Por outro lado, no Japão, pessoas que submetidas a trabalho intenso desenvolveram uma síndrome pelo excesso de trabalho, caracterizada pelo aumento acentuado da produção de adrenalina dado o ritmo acelerado e intenso de trabalho durante a jornada diária. A pessoa não come, mal consegue dormir, ou até mesmo nem dorme para continuar exercendo suas atividades profissionais.

Esse excesso de trabalho tem provocado a *karoshi*, palavra japonesa que significa morte pelo excesso de trabalho, ou em termos mais técnicos da área da saúde, morte súbita ocupacional. As causas mais comuns de morte por *karoshi* são ataques fulminantes do coração e derrames.

A *karoshi* é uma doença praticamente invisível; os exames de saúde em um trabalhador japonês, vítima da *karoshi*, não apontam qualquer enfermidade. Nível de stress cada vez mais altos, condicionando cada vez menos sono aos seus acometidos, sugere que colabore para o aumento de doenças cardíacas, diminuição do sistema imunológico, diabetes e

até mesmo o desencadeamento de alguns tipos de câncer. Ou seja, estudos apontam que a *karoshi* não é uma doença causada pelo stress ou pela falta de sono, mas sim, pelo excesso de trabalho que provoca hábitos de vida não saudáveis.

O oposto ao apresentado em relação à *karoshi* japonesa encontra-se na Dinamarca que possui um alto nível de igualdade social e um forte senso de responsabilidade social aproximando todo o país de sua natureza[4]. Com uma alta carga tributária, a Dinamarca possui uma sociedade com altos índices de satisfação, com saúde e educação totalmente cobertas pelo Estado, com assistência à infância subsidiada e idosos recebendo pensões e assistência médica domiciliar.

No Brasil, segundo o Relatório Mundial da Felicidade [5] , o país caiu 16 posições e agora ocupa a 32° posição em um ranking de 156 países. Nesse relatório, para medir o chamado "nível de felicidade" são mensuradas algumas questões de bem estar subjetivo, além de condições sócio econômicas como renda per capta, proteção social, vida saudável, expectativa de vida, liberdade, generosidade e ausência de corrupção.

O desafio para o Direito à Saúde no Brasil, com o agravamento desse tipo de patologia, é encontrar mecanismos que aportem o tratamento preventivo e de promoção da saúde adequado a toda população. Quando se trata de uma doença tão séria e em constante crescimento entre as sociedades mundiais, a felicidade não se restringe à posse de bens materiais ou à satisfação de sonhos pessoais, mas remete diretamente à contemplação dos determinantes sociais da saúde no contexto das sociedades contemporâneas, no caso em países periféricos como o Brasil.

Conclusão

Um conjunto de fatores indica que a depressão, um problema médico grave e altamente predominante nas sociedades atuais, é uma doença emergente cada vez mais presente.

A aproximação com a natureza e a empatia humana é cada vez mais distante em sociedades que se apresentam direcionadas para o excesso de trabalho e em consequência baixa convivência familiar e social.

[5] O Relatório Mundial da felicidade é uma medição da felicidade publicado pela Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável da ONU.

Nesse estudo, pode-se identificar que a falta de felicidade entre os povos diminuem conforme são colocados obstáculos para esse sentimento. O uso inadequado das redes sociais, que apresenta emoções fictícias e superficiais, contribui para o aumento de patologias como depressão e stress.

Referências

1. Buss, Paulo Marchiori e Pellegrino Filho, Alberto. A saúde e seus determinantes sociais. [publicação na web]; 2007 acesso em 15 de setembro de 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312007000100006&script=sci_abstract&tlng=pt
2. Ministério da Saúde [http://saude.gov.br/]. Depressão: causas, sintomas, tratamentos, diagnósticos e prevenção. [acesso em 13 de setembro de 2019]. Disponível em: http://saude.gov.br/saude-de-a-z/depressao
3. O Globo [https://oglobo.globo.com]. Brasil é o país mais deprimido da América Latina. [acesso em 13 de setembro de 2019]. Disponível em: https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/brasil-o-pais-mais-deprimido-da-america-latina-aponta-oms-20969009
4. Denmark.dk [https://denmark.dk]. Why are Danish people so happy?. [acesso em 14 de setembro de 2019]. Disponível em https://denmark.dk/people-and-culture/happiness
5. John F. Helliwell, Richard Layard and Jeffrey D. Sachs. (2019). World Happiness Report 2019. [publicação online]; 2019 [acesso em 14 de setembro de 2019]. Disponível em https://s3.amazonaws.com/happiness-report/2019/WHR19.pdf.